



maçã
do amor



Esta revista é mantida pelo trabalho de voluntários

REVISTA MAÇÃ DO AMOR



Uma revista cheia de açúcar

TECNAMOR

MAIO DE 2025

SÃO PAULO-SP

A Revista Maçã do Amor é uma publicação digital cujo objetivo é divulgar e unir artistas de escrita e artes visuais, valorizando e expondo a arte nacional. A Maçã do Amor acredita em duas coisas: que todo mundo merece uma história de amor e que cada um tem uma visão única do que é amor, por isso a proposta é colocar em destaque o amor romântico.

Nossa missão é incentivar escritores e artistas visuais a descobrirem seu potencial criativo, entrando em contato com seus sentimentos e promovendo troca de experiência e valorização de artistas nacionais.

Carta da Editora



Todo novo descobrimento começa com um incômodo. Uma pergunta que leva a uma hipótese e por fim, a incansáveis noites acordados imaginando “mas e se...?”.

Imaginar possíveis futuros para a humanidade tem movido a criatividade do ser humano por séculos. Desde a descoberta do fogo, e as diversas possibilidades que ela apresentou, até questionamentos que nos levam para fora do nosso próprio mundo. O que aconteceria se tivéssemos naves espaciais audaciosamente indo onde nenhum homem já esteve? Como seria se uma espécie mais avançada viesse para ajudar um planeta mais primitivo? O que aconteceu há muito tempo atrás, em uma galáxia muito, muito distante? E se existisse uma forma de as pessoas controlarem o Tempo e a História da humanidade? E se uma dessas pessoas se apaixonasse e decidisse quebrar todas as regras para salvar seu amor, o que aconteceria com a realidade?

Seja em um laboratório, por trás de páginas de livros, ou em telas de cinema, essas perguntas não só exploram as infinitas possibilidades em como o avanço tecnológico impacta nas questões morais da humanidade, mas também em como elas influenciam a forma como nós nos relacio-

namos. Porque por trás de todo avanço científico que realidades virtuais, aplicativos de relacionamento e viagens pelo espaço exigem, no fim do dia, as questões que nos movem continuam sendo as mais humanas possíveis: Qual o sentido da vida? Onde e como eu posso encontrar o amor?

Em *Tecnamor* encontramos novas histórias que buscam responder incômodos e imaginar possibilidades sobre como a tecnologia influencia o amor em futuros próximos e distantes, seja explorando a probabilidade de um algoritmo prever relacionamentos amorosos bem sucedidos, imaginando usos possíveis para realidades virtuais, descobrindo formas de se encontrar o amor, e até mesmo nos apresentando realidades que partem nossos corações.

Nas próximas páginas esperamos que vocês saiam com mais perguntas do que respostas, com incômodos que talvez vocês não soubessem que tinham antes, afinal, o futuro é cheio das mais variadas possibilidades, e cabe a nós imaginar... mas e se?

Ana Ferrari



Parfeito Thiago Loriggio	8
O Amor e suas Tecnologias Thiago Ambrosio Lage	16
Quando o Relógio Parar Renata Vettorazzi	22
Véu (In)Transponível Sofia Lopes	36
Paixão Tecnológica Robinson Silva Alves	39
99,99% Rodrigo Ortiz Vinholo	41
Site de Relacionamento Eduardo Martínez	56
Apaixonado Remetente Mayara Zampieri	60
Até o Último Cafezinho Anna Toledo	63



Parfeito

AUTORIA THIAGO LORIGGIO

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO THAIS ROCHA



Thiago Loriggio queria ter tempo para escrever todas as ideias que vêm à sua mente. Ou, quem sabe, viajar para um futuro onde já escreveu tudo. Se bem que não; aí onde estaria a graça? Suas histórias já apareceram em lugares como Dragão Brasil, Trasgo, Taverna e Faísca. De vez em quando está pelo Twitter.

— Então, você tem alguma doença?

Pergunta estranha para um primeiro encontro. Ou será que era assim mesmo?

— Tipo congênita — explicou ela. — Pra nos prepararmos caso uma das crianças manifeste. Duas, né? Um menino e uma menina, mas duas meninas também seria bom. Não que isso importe tanto.

Era exatamente isso que eu pensava, e nunca tinha verbalizado. Dois filhos era legal para as crianças crescerem juntas, enquanto três já era demais. Ela concordava com isso. Concordava com várias outras coisas, tenho certeza. Pelo jeito o 0,1% de incompatibilidade tinha a ver com o que estava me deixando desconfortável naquele momento.

— Escuta — falei, olhando para os lados, imaginando quantos dos vários casais no restaurante estavam em conversas igualmente bizarras. — Você não acha que estamos indo um pouco rápido?

— Claro — respondeu ela, com aquele sorriso amável, mas meio perturbador. — Filhos só daqui a uns sete anos, né?

Sete cravado. Como ela sabia? Não a moça. A empresa que, baseada em dados coletados por décadas, afirmava com convicção científica que nós dois éramos perfeitos um para o outro. Um *Parfeito*.

— É, sete anos... mas sei lá, você não está assumindo coisas demais? Já fazendo planos...

— Mas é isso, né? — Ela pareceu confusa, a primeira emoção genuína desde o início do jantar, um dia depois do *Parfeito* anunciar que éramos almas gêmeas. — Você não gosta de planejar. Eu gosto, e, assim, a gente se completa.

Suspirei, frustrado. Diferente da maioria das pessoas, eu conhecia meu *Parfeito* antes de instalar o app, e aquela frustração vinha muito porque eu meio que já gostava dela. Tentei me lembrar de quando nos conhecemos, e entender por que

fiquei tão animado quando descobri que ela era meu par.

Tínhamos amigos em comum, e na onda de casamentos que seguiu o lançamento do Parfeito, nos cruzamos várias vezes. Ela riu das minhas piadas esquisitas e até dançamos juntos em eventos diferentes. Lembro bem do último casamento, uma semana atrás, em que reclamei do trabalho e a resposta dela me marcou:

— É que esse tipo de coisa não deveria ser feita por programa, né? — dissera ela, sorrindo na luz estroboscópica da sacada além da pista de dança. — Tem coisa que as pessoas precisam... *sentir*.

Talvez aquele momento tenha cimentado minha queda por ela. Imagine a minha felicidade quanto o app apontou que ela era meu Parfeito! Nós tínhamos química, pareceu óbvio que daria certo. Mas, então, por que a frustração?

Não era uma pergunta difícil. Eu mal conhecia a moça e ela falava sobre ter filhos! Não era estranho já assumir que a gente ia casar? Ou era realidade mesmo?

— Não é isso — falei, tentando não ser grosso. — Assim, sei que a gente já se conhecia mais ou menos, mas é a primeira vez que a gente sai. Não é meio estranho conversar como se a gente já estivesse pensando em casar? Ou é assim com todo mundo?

O Parfeito nunca falhava. Era a promessa da *Big Data e Machine Learning* finalmente usados para algo que mudava drasticamente o mundo. Todos, *todos* os meus amigos que usaram estavam se casando em menos de um ano. Depois daquele último casamento, deixei de ser teimoso e instalei o app. E ali estava eu.

— Não sei. — Ela comprimiu os lábios numa linha fina. Numa coisa o app acertava em cheio: eu a achava linda. Ficava ainda mais bonita encabulada. — Não é? Achei que fazia sentido... nunca saí com ninguém pelo Parfeito.

— Eu também não. — Sorri. — Mas é esse o negócio, não é? Se a gente tivesse que sair com mais de uma pessoa, o app não teria funcionado.

— É verdade. — Ela devolveu meu sorriso, e isso tirou um pouco daquele desconforto esquisito do começo do encontro.

— Que tal um papo mais banal pra compensar o quão não banal é a gente estar aqui baseado na premissa que somos tipo *almas gêmeas*? — Ela riu, e mais

um pedaço do desconforto derreteu. — Sei lá, a gente não devia conversar como se fosse um encontro normal? Eu ainda lembro como era antes do Parfeito. Vai lá, eu começo: com o que você trabalha?

— Na verdade, eu saí do meu emprego ontem — respondeu ela, desviando os olhos.

Putz, assunto sensível logo no começo. Tentei consertar:

— Olha aí, mais uma coisa em que somos compatíveis. Também saí do meu emprego essa semana.

— Você também foi demitido? — Ela ergueu uma sobrancelha.

— Na verdade, eu que me demiti.

Será que esse papo era mesmo melhor que o anterior? Ou será que o que a gente conversasse não faria diferença? O app garantia que iríamos ficar juntos, então podíamos fazer qualquer coisa? Meus amigos que usaram o Parfeito começaram a namorar instantaneamente... mas será que era só porque o app convencia as pessoas que daria certo? Não, eu gostava dela, e sabia que esse relacionamento tinha potencial. Mas, ainda assim, sentia como se estivesse numa espécie de casamento arranjado consentido. Eu tinha escolha? Ou não ficar com ela seria só renegar o destino do modelo preditivo, agir como um adolescente marrento que não quer seguir o bom conselho dos pais só porque eles que disseram?

Ela ainda olhava para mim, cenho franzido, esperando que eu continuasse. Bom, se ela já estava falando em ter filhos, eu não seria o esquisito por me abrir no primeiro encontro.

— Eu achava que tinha o emprego dos sonhos... Trabalhava numa empresa grande de animação com IA, sabe? Uma dessas que lança um longa por semana. Era exatamente isso que eu queria fazer desde que a área surgiu. — Ela ouvia, atenta. — Mas aí comecei a assistir os filmes com calma... e, tipo, não acho eles *ruins*, entende? Tem ser humano fazendo coisa pior. Mas ao mesmo tempo...

— Nenhum deles é *bom* — completou ela, séria. — Eles só ficam na média. Divertem, muita gente gosta, mas... falta alguma coisa.

— Isso — falei, pasmo. Ela respondera até com certa raiva, a mesma raiva

que me fez largar o emprego. — Você trabalhava numa dessas também?

— Não, não. — Ela ergueu as mãos, encabulada. — Mas isso me fez pensar numa coisa: você seria contra a gente mostrar esse tipo de filme pras nossas crianças?

— É... — Deixei os ombros caírem, decepcionado. — Não sei.

A comida chegou e comemos em silêncio, eu frustrado, ela fazendo perguntas sobre os lugares que iríamos viajar, planos para casamento, aposentadoria, onde seria legal construirmos uma casa... E eu dava meias respostas, cada vez mais amargo. Quando ela não puxava aqueles assuntos eu sentia que gostava dela. No resto do tempo, sentia como se visse um filme chegando num final que eu não sabia se gostava.

Ela deve ter percebido que a conversa não me animava, porque ficou em silêncio conforme comíamos a sobremesa. Eu me ofereci para pagar, ela recusou, e acabamos combinando de dividir a conta. *Compatíveis*. O mal-estar se tornava físico.

— Olha, eu... — Ela falava olhando para a mesa, parecendo desconfortável. Pisquei com força, percebendo que estava sendo um péssimo primeiro encontro. Será que era impossível arruinar aquele relacionamento, independente do que eu fizesse? Abri a boca para falar, mas ela foi mais rápida. — Eu já volto.

E se levantou. Fiquei sozinho, cercado pelos casais conversando baixinho sobre os mesmos assuntos bizarros que ela puxou meia dúzia de vezes. Pensei de verdade em só pagar e ir embora. Mandar uma mensagem pedindo desculpas, e... fazer o quê? Passar o resto da vida sozinho? Tinham milhões de dólares investidos me assegurando que a tecnologia funcionava... Mas era isso que eu queria? Já não bastava um programa decidindo o que eu ia assistir, ler, ouvir e comer, tinha que decidir também por quem eu ia me apaixonar?

Pensava nisso quando recebi um e-mail do Parfeito.

— Oi. — Eu nem tinha visto ela se sentando de novo, distraído com a mensagem. — Olha, quero te pedir desculpas. Eu não sei direito como lidar com a ideia de que todo mundo que conheço está planejando casar um mês depois de instalar o Parfeito. Tentei agir como se eu não tivesse problema com isso, tentando falar o que todo mundo parece falar nesses primeiros encontros... mas não consigo. É muito esquisito. Você não quer sair daqui e recomeçar em algum outro lugar?

As palavras me atingiram com uma flecha de gelo no coração. Era bem isso que eu queria ouvir. Bem isso que tentei expressar, mas não consegui. Era esse lado dela que eu gostava e queria conhecer melhor. Mas ao mesmo tempo...

— Então, eu... eu acabei de receber um e-mail — falei, levantando o celular. Será que não era melhor ignorar a mensagem e aceitar a proposta dela? Mesmo sabendo que... — Nós não somos Parfeitos. Disseram que o meu perfil foi... Tudo bem?

O rosto dela tinha perdido a cor, e achei que ela fosse desmaiar.

— Desculpa — disse ela. — Eu devia ter te contado o que fiz. Mas, quando vi que você tinha se registrado...

— Calma. — *Fez o quê?* Lembrei das palavras do e-mail, e tudo se encaixou. *O colaborador em questão foi desligado da empresa.* — Foi você? Por isso que você foi demitida ontem?

— Ah. O e-mail não falava o meu nome?

— Não.

Ela riu.

— Nossa, que burra. Me entreguei.

Senti meus lábios se separando. Olhava para ela, boquiaberto, tentando entender.

— Você modificou os perfis pra nós sermos Parfeitos? — Isso gerava tantas perguntas. — Mas, tipo, você não podia só ter usado o app e encontrado o seu Parfeito?

— Eu fiz isso. — Ela deu de ombros. — Pouco depois de te conhecer. Saí com ele algumas vezes, mas... sei lá. Acho que eu conseguiria ficar com ele, casar e ter filhos e tudo. Compatibilidade garantida pelo Parfeito, afinal. Mas... não sei. Depois dos encontros eu ficava pensando em você.

Tentei argumentar, mas não sabia bem o que dizer. Devia ficar bravo por ela ter mexido no meu perfil? Será que era por isso que ela sabia as respostas do começo do encontro? E ela ainda tirou minha chance de conhecer meu Parfeito!

— O que eu fiz foi errado. — Ela se levantou. — Entendo você ficar com raiva de mim. Foi uma decisão idiota, mas eu sabia que, se você conhecesse o seu

Parfeito, eu nunca mais teria uma chance. Obrigada pelo jantar.

— Espera — falei, logo que ela dava as costas para ir embora. — Não tô entendendo. Você preferiu trocar toda a certeza do seu Parfeito por um cara com quem você conversou meia dúzia de vezes?

Ela se voltou para mim, sorrindo um sorriso triste.

— Quando eu saí com o meu Parfeito ficou claro que éramos compatíveis, mas... acho que isso é menos importante pra mim do que aquelas vezes que te encontrei. Provavelmente eu ia gostar do meu Parfeito um dia. Mas eu gosto de você agora.

— Isso não faz sentido. Você não acredita no Parfeito?

Apesar de funcionar com todo mundo? Da tecnologia infalível? Meu coração acelerava.

— Não tenho dúvida de que, de certa forma, o Parfeito funciona. Ele consegue prever que vai ter atração física. Além disso, ele sabe que as pessoas gostam das mesmas coisas, ou pelo menos gostam dessas coisas pelos mesmos motivos, então vão se entender. Consegue prever que elas têm planos de vida compatíveis e que um casamento funcionaria. Consegue até prever que todas essas coisas juntas um dia provavelmente vão virar afeto de verdade. — Ela me olhava, intensa. Não consegui decifrar aquele olhar. — Mas não tem como ele prever amor.

E ela foi embora. Fiquei paralisado, a cabeça rodando, sem saber se eu deveria ficar bravo ou feliz pelo que ela fez. Será que eu deveria ir atrás dela? Trocar toda a certeza do app pelo... pelo quê? O que eu sentia importava, frente ao que o algoritmo dizia que era melhor para mim?

Quando vi, ela já tinha desaparecido além do restaurante. Os outros casais riam à minha volta, sem notar minha expressão perdida. Meu celular vibrou, e vi uma notificação do Parfeito.



Topei com ela na semana seguinte, em outro casamento.

— E o seu Parfeito? — perguntou ela, tímida.

Depois daquele encontro desastroso, o app atualizou meu perfil, e achou outro par para mim. Saímos no dia seguinte, e ela não falou sobre filhos ou casamento. Conversamos sobre coisas que gostávamos, e foi uma noite bem agradável. Tão agradável quanto os filmes da empresa de onde me demiti.

— Escuta, fiquei pensando numa coisa depois do nosso jantar. — Eu tinha ficado pensando em *várias*. — E fiquei com uma dúvida.

Várias dúvidas. *Uma certeza agradável, ou...* Ela inclinou a cabeça, confusa. Continuei:

— Você chegou a rodar uma simulação do Parfeito? Com o meu perfil original e o seu. Para descobrir quão compatíveis nós somos?

— Não. — Ela piscou algumas vezes, meio sorrindo, sem entender onde eu queria chegar. — Isso nem passou pela minha cabeça.

Estendi a mão para ela.

— Quer descobrir?

O Amor e suas Tecnologias

AUTORIA THIAGO AMBROSIO LAGE

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO THAIS ROCHA



Thiago Ambrósio Lage (@thamblage) vive em Palmas, é professor e doutor em Biotecnologia e autor da newsletter Mercúrio em Peixes. Suas publicações incluem, entre outros, *Romantífica*, livro de contos (Urutau, 2023); e os contos "Teste Anti-Turing", na coletânea LGBTQIA+ Violetas, unicórnios e rinocerontes (Patuá, 2020); "The Witch dances" (Eita!, 2020, finalista do Rosetta Awards 2021) e "Seis estrelas" (Escambanautica, 2023, finalista do Prêmio Odisseia de Literatura fantástica 2024).

Em dezembro de 2020 eu recebi um convite que me rendeu — e ainda rende — muitos frutos: escrever um conto para a Edição Convidados da *Revista Maçã do Amor*. A história obviamente deveria falar sobre amor romântico, mas as mensagens de Luísa, “Pode ter elementos fantásticos, (...) pode ter coração partido” e “(...) mesmo histórias de amor podem ser contadas de outras formas”, fizeram minha cabeça ir de zero a cem em segundos. Naquela conversa eu já sabia que meu conto seria de ficção científica e seria sobre um amor perdido. O desfecho ainda estava em aberto, se terminaria com uma nota positiva ou negativa, mas aí só lendo o conto para saber.

Agora se fala muito sobre *romantasia* e sobre como a fantasia e o romance devem ter um equilíbrio na história para que tudo funcione. Misturar ficção científica e romance passa por um caminho parecido para mim, mas com um fator extra: se a fantasia lida com o impossível, a ficção científica, especialmente a futurista, lida com possibilidades mais críveis.

Em meu conto “*Malus restituta*” as tecnologias futuristas estavam ali sobretudo para ecoar os temas de passagem/suspensão de tempo, perda e resgate. Num mundo onde a aparência da juventude pode ser preservada, também podem ser preservados os sentimentos? Se antigas espécies podem ser resgatadas, podem também antigos amores?

O conto é até hoje um dos meus favoritos, já rendeu até um episódio no podcast *Pindorama*, mas as questões levantadas por ele ainda estavam longe de ser respondidas. Assim, passei a observar de forma mais atenta a relação entre amores e tecnologias não apenas em minha ficção, mas em tudo que vejo.

Hoje percebo com nitidez que há um denominador comum entre amor e tecnologia: ambos, assim como as histórias, são feitos por pessoas e para pessoas, e transformam o mundo. Onde há pessoas, eles surgem. E surgem as questões: como as tecnologias afetam os relacionamentos? Como os relacionamentos afetam as tecnologias?

Ensaio em minha cabeça para começar este texto, tentei encontrar his-

tórias para citar, referências externas para sair da primeira pessoa do singular. Em *O Frankenstein*, considerado a primeira obra de ficção científica, não há um romance em primeiro plano, mas a recusa do Dr. Frankenstein em atender ao pedido do monstro para que criasse uma companheira para ele é o grande gatilho da violência da criatura contra seu criador. O cientista não peca apenas em criar o monstro, mas também em negar a ele a possibilidade do amor. Logo em seguida, me veio à mente o exemplo mais óbvio de um filme que amo: *Her* (2014), e seu conto de amor entre um homem e uma IA. Minhas duas séries favoritas também foram marcadas por casais excepcionais e que foram foco e ferramenta em diversos momentos da trama. Em *Babylon 5* (1993), a embaixadora Dellen, da espécie Minbari, se torna uma híbrida humana-minbari e se relaciona com o comandante da estação, o humano Sheridan, causando todo tipo de conflito interno entre os dois povos. Em *Battlestar Galactica* (2004), temos diversos casais, mas nenhum supera a complexidade da relação entre Caprica 6, uma humanoide sintética cylon, e Gaius Baltar, em uma estranha inversão em que, de certa forma, a ginoide acaba por construir seu humano.

Os diversos casais destas séries, mesmo os que envolviam não humanos, têm algo notável em comum: são todos duáricos, entre homem e mulher (ou entidade masculina e feminina). Viagens mais rápidas que a velocidade da luz e sociedades interplanetárias parecem algo mais crível que outras formas de se relacionar, ou pelo menos eram algo mais aceitável para a TV.

Constatar isso me levou ainda mais para a necessidade de incluir diferentes casais e modelos de relação em minhas histórias. E como escrevo mais ficção científica, um padrão começou a emergir. Centrar em histórias que unissem amores e tecnologias foi natural, e assim surgiu minha coletânea solo *Romantífica*, lançada em 2023 pela Urutau, que de forma mais que justa se inicia justo com “*Malus restituta*”.

As definições de romance, de relações e de tecnologias podem ser amplas. Imaginemos uma história de um povo que envia emissários numa jornada para obter uma nova tecnologia. No caminho, entre lutas e trapaças, um deles encontra e se relaciona com uma nativa de outro povo, que inclusive os acompanha na volta para casa, trazendo consigo novos conhecimentos e técnicas que ajudarão toda a

sociedade. De forma bem sucinta, esta é a trama de *A Guerra do Fogo* (1982), um dos maiores *blockbusters* em aulas de história no colégio. Obviamente, não se fala em romance entre os hominídeos, já que ele só foi surgir dezenas de milhares de anos depois, mas assistimos ao filme com nossos olhos contemporâneos e é difícil deixar de ver um casal nos dois humanos primitivos. Um casal numa relação, um pacto, que sela a transferência de uma tecnologia. Na troca de afetos (mesmo que seja uma projeção nossa), constrói-se algo novo.

A tecnologia também tem papel fundamental em dois célebres casais: um deles o casal arquetípico, e outro um dos mais famosos e que inspiraram muitos outros. Um veneno potente o suficiente para simular a morte, mas fraco o suficiente para não ser letal é a chave da maior das tragédias românticas, *Romeu e Julieta*. Mas quanto conhecimento deveria ter o boticário ou alquimista responsável por tal substância? Este grau de sofisticação tecnológica é bem adequado ao cenário da peça, o auge da renascença na Itália.

Dois séculos à frente, temos um amor que surge na Inglaterra da revolução industrial. Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy têm seus encontros, desencontros e reencontros numa sociedade que se reestrutura de acordo com a revolução industrial. Em *Orgulho e Preconceito*, é interessante notar como as tecnologias de transporte e de comunicação avançam ou travam a trama, com as distâncias e as esperas centrais em vários momentos. Uma carta, hoje vista como algo obsoleto, era uma maneira barata, portátil, discreta e segura de se passar uma mensagem, mesmo que estivesse aberta à interpretação do leitor, demorasse a chegar, fosse uma forma assíncrona de comunicação e deixasse uma prova material da comunicação. Sem cartas, seria impossível contar essa história. Com telefones, muito menos. Ainda sobre comunicação, como não citar a novela *Explode Coração* (1995) que trouxe uma super novidade para a época: casais que se conheciam pela internet. E, também de Glória Perez, na novela *O Clone* (2001) um clone, Léo, se apaixona pela mesma mulher, Jade, por quem seu “original”, Lucas, é apaixonado.

Fogo, drogas, cartas são tecnologias já antigas, mas não é difícil pensar em energia nuclear, engenharia genética e telepatia como tecnologias presentes ou fu-

turas trazendo soluções em energia, biotecnologia, transporte, comunicação... se completarmos a lista com mais oito atividades agropecuárias, industriais ou de construção, teremos os doze distritos de *Jogos Vorazes*. Nessa distopia recente, os amores de Katniss são centrais à trama, seja na sua relação com Gale (que ecoa também a forma com que ela lida com a revolução) ou com Peeta (e seus traumas compartilhados e sua relação com a capital). Ainda nas distopias, o “nós contra o mundo” parece imperar quando o amor pode ser a única resposta ou fuga a uma realidade opressora, ou os sentimentos românticos podem catalisar os questionamentos quanto ao *status quo*. Sejam com Winston e Julia em *1984*, Lenina e Bernard ou John em *O Admirável Mundo Novo*, D-503 e O-90 ou I-330 em *Nós, Olamina* e Bankole na *Parábola do Semeador*, o amor teima em florescer.

Seja no passado, no presente, no futuro, em linhas de tempo paralelas, em mundos secundários ou em histórias alternativas, amores, relacionamentos e tecnologia andam juntos. E a literatura, ao lidar com as questões “Como as tecnologias afetam os relacionamentos? Como os relacionamentos afetam as tecnologias?” teima em não trazer respostas, mas a abrir sempre mais perguntas e reflexões, pois cada história, assim como cada amor ou descoberta, é única.



Quando o Relógio Parar

AUTORIA RENATA VETTORAZZI

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Renata começou a escrever muito cedo, por influência de sua professora da terceira série. Foi lá que descobriu o quanto gostava de compartilhar suas histórias com os outros: lia semanalmente, na frente de toda a turma, as histórias que criava. Depois disso, nunca mais parou de escrever. Nas suas histórias, finais felizes são um evento mais raro que um arco-íris duplo completo. Apesar do clichê, quando não está escrevendo, está lendo. Um contador de histórias jamais conseguiria não apreciar as histórias dos outros, afinal.



O coração de Eloise já vem bombeando sangue há 24 anos, 11 meses e 25 dias. Aos 25, ele deixará de bater. A parte mecânica, isto é.

— O que você pretende fazer depois de mim? — É Rafaela quem diz, tendo ainda menos tempo de vida.

Eloise rola para o lado, abraçando o corpo de Rafaela junto ao seu, antes de responder:

— Prefiro não estragar o tempo que temos juntas pensando nessas coisas.

Antes que qualquer uma das duas responda, o relógio vira meia-noite outra vez, e Eloise observa a notificação recorrente surgir em frente aos próprios olhos.

“500gb extras de memória para aprender um novo idioma, ou nunca mais esquecer os aniversários dos sobrinhos! Em breve, diretamente no seu ssd! Sem qualquer necessidade de adesão, inteiramente disponível em: 4 dias”. O 4 pisca em cores néon.

Ela gesticula para a próxima notificação, pois não vai precisar de nada daquilo em breve. Em uma semana, já não vai armazenar mais informação nenhuma.

— Uma grande piada, não é? — observa Rafaela.



— Rafaela Rezende. Ela já chegou? — A voz de Eloise falha ao perguntar pela garota, meio rouca após tantos meses vividos em completo silêncio.

— Ela está no andar de cima. Me acompanhe, por favor — pede a funcionária, esperando que Eloise comece a andar para continuar a explicar. — Nós temos uma parceria com o programa. Já foi informada dos nossos benefícios?

A iluminação do restaurante é uma mistura de cores, algumas lâmpadas em rosa neon aqui e ali, interrompidas por luzes roxas e amarelas. As mesas são altas, com pares de banquetinhas para os casais visitantes.

— Sim, obrigada — responde ela com um aceno vago, distraída pelo cenário ao redor. O lugar está repleto de casais cochichando em voz baixa, mas a maioria parece ser hétero.

— Não gostariam de aproveitar a nossa oferta? Oferecemos 15% de desconto no serviço de delivery durante seus últimos 5 dias, e 25% para os pratos de casal — insiste a funcionária outra vez.

— Não, por enquanto não precisa, obrigada — recusou. A comida ali sempre parecia vir meio crua ou tostada.

O interesse de Eloise no local é apenas um: a mulher com tão poucos dias de vida sobrando como ela.

Assim que chega no andar de cima é capaz de identificá-la. Não porque haja qualquer característica que pareça afirmar que morrerá em breve, mas pela decoração da mesa. A toalha é decorada com a logo do programa, e há uma cesta enorme repleta de enormes corações vermelhos.

— Aproveitem a noite de vocês, meninas.

Antes mesmo que Eloise tenha tempo de se sentar, Rafaela pergunta:

— Quantos dias?

— Oito, e você? — responde.

Rafaela arqueia as sobrancelhas.

— Mais do que eu esperava. Três, para mim.

— Eu juntei bastante dinheiro. Fiquei curiosa com todas as opções que eles oferecem — explica, enquanto puxa a cadeira para se sentar.

— Olha, vou ser bem direta aqui, Eloise. Não me importo com os passeios de barco ou os jantares românticos ou sei lá quais das mil atividades oferecidas você gostou mais; eu só não quero morrer sozinha.

— Estamos aqui por isso, não é? — devolve ela, em voz baixa, meio sem saber o que dizer.

Um programa que combina pessoas próximas da morte, para que passem seus últimos dias acompanhados.

— Entrei com 12 dias, mas... a maioria tinha um tempo muito menor que

o meu. Você é minha última opção.

Para tentar amenizar os vincos na testa da outra, Eloise brinca:

— Não esperava receber um “você é tudo que eu tenho” tão cedo. — Rafaela não retribui seu sorriso, então Eloise fecha o rosto novamente. — Não se preocupe, como eu disse... é por isso que viemos até aqui, não é? Companhia.

Enquanto a expressão de Rafaela suaviza, Eloise deixa as memórias que quer criar e expectativas que trouxe no bolso, guardados, e espera pelas próximas palavras da mulher.

— Desculpa pela grosseria, nem cheguei a me apresentar. — A mulher relaxa os ombros e suspira. — Comecei a ficar desesperada nos últimos dois dias. Rafaela, prazer.

— Eloise — responde, preferindo não acrescentar nada.

Eloise usa os segundos em silêncio para olhar ao redor. Não considerou que a combinação que o programa sugerisse não desse certo de primeira.

— Escuta, você já provou a comida daqui? — diz Rafaela, colocando o cabelo atrás da orelha. Eloise observa melhor a mulher à sua frente. Um rosto redondo, levemente corado, com pintinhas ao redor da boca e dos olhos. Rafaela usa o cabelo castanho partido ao meio, sem muita estilização. — Se ainda não pediu, não recomendo que faça isso. É horrível.

Ela é uma mulher bastante comum, mas Eloise precisa desviar os olhos diante do sorriso dela. Talvez seja a forma como a luz rosa neon ilumina os traços da garota ou o fato de que é a primeira pessoa com quem ela troca mais do que três frases em meses.

— É... a comida daqui não é das minhas favoritas.

— Eu conheço um lugar bem melhor descendo a rua. A gente pode comer no hotel mesmo, que tal?

Murmura um *parece bom*, meio engasgado com a própria saliva, e, quando levanta, empurra a cadeira de volta para a mesa, que patina de leve no chão. Eloise esconde as mãos úmidas nos bolsos da calça e agradece por Rafaela já ter alcançado a porta.



— Como foi com você? Para entrar no programa. Pra mim... eu resolvi entrar depois que meu marido morreu.

Eloise não esboça reação alguma, levando alguns segundos para processar as palavras, mas sente que os ombros de Rafaela se endireitaram contra os seus.

Depois de jantarem encostadas na beirada da cama, rodeadas de diferentes potinhos de molhos e alguns espetinhos de carne, elas deitaram no tapete para “fazer a digestão”, como chamou Rafaela. Ao fundo, algumas músicas românticas e melosas ecoavam da pequena esfera de vidro na cabeceira da cama. O programa se recusou a parar quando deram o comando de voz, explicando que estava tentando despertar emoções positivas nelas; outra cortesia do programa.

Estavam em silêncio há pelo menos três músicas quando Rafaela decidiu mencionar o marido. Ex-marido.

— Não ache que eu sou velha, ok? Casamos cedo — continuou ela, diante da falta de resposta. — O coração dele duraria até ano que vem, mas morreu em um acidente de carro.

Eloise deixa de encarar as placas de metal do teto para finalmente se virar para a garota.

— Meus pêames... — Acha que era o certo a falar.

— Não precisa disso. Nossos pais eram amigos e insistiram muito para a gente casar, sabe? Porque a gente não ia viver muito. Mas quando eu disse que estava cansada de esconder que queria ficar com uma mulher, ele... saiu de casa depois de destruir vários móveis. Bateu contra um muro umas horas depois, bêbado.

Eloise sente que ela ainda tem mais a dizer. Volta a encarar o teto, focando os olhos nas pequenas linhas de led laranja que decoram os espaços entre cada placa, dando espaço para Rafaela desabafar.

— Eu não deveria desperdiçar minha única chance, né? Não saí de casa por algum tempo, depois do funeral, mas... eu não queria morrer assim. Eu pedi o divórcio por um motivo. — Rafaela se senta e decide encher o copo outra vez. — Era mentira aquilo que eu disse no restaurante, sobre... você foi a primeira mulher do programa que me combinaram. Me colocaram com alguns homens, porque fui

casada, mas recusei todos. Achei que não daria tempo.

— Eu... não tenho experiência alguma em relacionamentos. Também nunca beijei uma mulher antes — confessa Eloise. — Ninguém se interessa por alguém com tão pouco tempo de vida.

— Não são nada gentis, né? — assente Rafaela. — Quer mais um pouco também?

Ela levanta a garrafinha com a bebida verde translúcida. Eloise bebeu pouco antes, o gosto doce e efervescente não era algo que estava acostumada.

O relógio na parede ainda marcava 23h45.

Pegando o copo ao seu lado, ela o estende. Parece errado dormirem na primeira noite. Desperdiçarem tanto do pouco tempo que possuem.

Às 06h45, a esferazinha comanda que as cortinas se abram para que a luz lá de fora possa entrar e orienta que as garotas se preparem para o roteiro do dia. Como no dia anterior, Eloise imagina que Rafaela vai insistir para que pulem aquela atividade também, mas a garota se levanta e começa a remexer no armário no fundo do quarto.

— Esse tecido das roupas que eles deixam para a gente é tão macio... Uma pena que nunca comprei nada do tipo antes — suspira ela.

Eloise lembrava vagamente de preencher um formulário sobre medidas e estilos que preferia, mas achou que era apenas mais uma análise de personalidade.

Imitando Rafaela, ela rasga alguns saquinhos embalados à vácuo, esfregando a peça entre os dedos. O material gelado desliza contra a pele. Alta qualidade.

— Acho que o parque de diversões é uma boa opção para começar. O que acha? — sugere Rafaela.

— Não está muito cedo?

— É assim que a gente vai conseguir evitar as filas, vai por mim.

Eloise acena com a cabeça. Todas as opções pareciam igualmente aceitáveis.



O toque no ombro faz Eloise desviar o olhar das placas luminosas que está encarando.

— Que tal? — pergunta Rafaela, com a mão estendida.

Às 8h30 da manhã, há poucas pessoas circulando pelo parque de diversões. Quase nenhuma criança. Apenas adultos aqui e ali andando de mãos dadas. Duas garotas juntas não vão parecer muito diferentes deles. Ignorando a sensação na garganta, Eloise firma a mão nas de Rafaela, que entrelaça os dedos nos seus.

— Decidiu em qual brinquedo vamos primeiro? — continua Rafaela. — Se tiver medo de altura, podemos começar com os que ficam no chão.

Eloise não tem medo de altura, mas quer começar por outro brinquedo. Um que sempre quis experimentar. Um labirinto em que os jogadores podem perseguir e atirar em hologramas enquanto são caçados.

Rafaela dá uma risadinha quando ouve a sugestão.

— Não achei que essa seria sua primeira escolha... mas não vejo porquê não.

Depois disso, é Rafaela quem escolhe o próximo brinquedo: câmaras cheias de ar que as jogam para cima, em uma espécie de vôo controlado. Em seguida, almoçam no restaurante à beira do lago artificial; a água é tão turquesa que quase queima os olhos.

Rafaela sugere que comam apenas o que nunca provaram antes. O restaurante, em parceria com o programa, oferece pequenas porções de quase todos os pratos. Parece ser uma decisão popular por ali, experimentar coisas novas de uma vez.

Quando a comida chega, além de fazer várias expressões exageradas em cada primeira mordida, aproxima o garfo até a boca de Eloise.

— Sempre fazem isso nos filmes, não é? Diga “Aaa”.

Em meio a um sorriso tímido, Eloise obedece.



O tempo passa rápido ao lado da garota. Quando cruzam a soleira da porta às 19h, não parece real que estiveram 12 horas fora. Que não dormiram durante a noite. Apesar de cansada, Eloise não quer fechar os olhos. Vai ter muito tempo para isso daqui dois dias.

Em vez disso, ambas decidem apresentar o filme favorito à outra naquela tela que cobre a parede inteira. Assistem abraçadas, Rafaela encostada contra o peito de Eloise.

É uma proximidade esquisita essa. O calor e o peso de um corpo contra o próprio, o filme ao fundo pedindo por atenção, enquanto consegue se concentrar apenas no cheiro do shampoo da garota; a sensação do coração na garganta.

Às duas da manhã, os olhos pesam, mas nenhuma delas quer dormir. Na geladeira, encontraram alguns energéticos que prometem 48h de pura energia, sem precisar de descanso. No entanto, para que funcione, há um requisito: que durmam antes.

— Aqui diz que três horas é o suficiente — explica Rafaela.

Eloise programa o despertador para às cinco e deita na cama. Rafaela deita ao seu lado e, antes de fechar os olhos, sussurra:

— Podemos dormir de mãos dadas também? É outra coisa que sempre quis tentar.

— Você era casada, não era? — Eloise pergunta.

— Reservei tudo o que podia para quando importasse de verdade.

Assim, adormecem de mãos dadas.

É Rafaela quem acorda primeiro, sugerindo que tomem um banho para espantar o sono e só então bebam o energético. Eloise concorda, pensando em dormir mais alguns minutinhos, pois agora que havia fechado os olhos parecia difícil se sentir desperta de novo em tão pouco tempo, mas a outra a puxa pela mão.

— Ah, não. Não é justo que durma mais do que eu. Você vem comigo.

No banheiro, Eloise senta na privada, ainda de olhos fechados, mas Rafaela insiste que entrem juntas. Por um momento, considera que o convite significa algo mais, porém a garota continua:

— Anda, eu lavo seu cabelo por você. — E empurra Eloise para dentro da cabine.

Em troca, sugere lavar o cabelo de Rafaela de volta. É quando está enxaguando o cabelo longo dela com o pequeno jatinho que a garota compartilha:

— Faz bastante tempo desde que alguém lavou o meu cabelo. — A voz dela soa diferente naquele momento. Ainda que ecoe pelas paredes, é um comentário baixo, quase um segredo.

— Costumava fazer isso com o seu marido?

— Não. Algumas mulheres da igreja, quando perdi o bebê. Vieram várias me consolar, e não me deixaram sozinha por semanas, pois achavam que o luto poderia ser pesado demais para lidar... — Rafaela faz uma pausa, e Eloise aperta os fios, tirando o excesso de água deles. — Nunca descobriram que eu rezei por dois meses inteiros pedindo para Deus tirar aquela criança de mim, e quando não deu certo, eu mesma o fiz.

De certo modo, o banho tinha sido muito mais íntimo daquela forma.

No entanto, é naquele mesmo dia que elas transam pela primeira vez. Depois de outro dia de atividades ao ar livre, de pupilas dilatadas de energético, estão na cama. Rafaela brincando com o cabelo de Eloise, testando alguns penteados enquanto devoram uma caixa de doces coloridos.

— Acho que nunca perguntei, mas... quantos anos você tem? — pergunta Rafaela.

— Vinte e quatro. Vinte e cinco em uma semana.

O rosto de Rafaela se contorce em uma careta.

— Bem no seu aniversário, hein?

Eloise continua passando os dedos pelos fios, para desembolá-los.

— Senta aqui. — Rafaela bate ao lado dela na cama. — Eu escovo para você.

Eloise sequer tinha uma escova de cabelo em casa, mas se senta em frente à garota mesmo assim. Nos primeiros toques nos fios, fecha os olhos e quase perde a próxima pergunta de Rafaela.

— O que acha que estaria fazendo se não estivesse aqui? Eu sempre quis ser

aeromoça. Viajar e tal...

— Não sei, sempre achei meio bobo ficar pensando em algo que nunca daria certo.

— Nem quando você era novinha?

— As crianças sempre gostaram de comparar o tempo. — Não são as memórias preferidas de Eloise.

— *Só falta você! Qual é o seu, qual é o seu?*

— *86... — Todas as crianças parecem impressionadas.*

— *A Vivi ganhou! É a que mais vai viver aqui — diz uma das meninas ricas, com pelo menos mais 60 anos de vida. Eloise só quer parecer melhor na frente delas.*

Rafaela escova mais duas ou três vezes antes de continuar. Começa algumas trancinhas.

— Como você achava que seria? O programa.

— Eu só... não queria morrer sozinha... ou completamente vazia, sem nunca ter tentado nada. — Eloise sequer se lembra da última vez que ouviu tanto a própria voz.

As mãos de Rafaela param de entrelaçar os fios aos poucos, andam pelos ombros de Eloise, e descem um pouco mais.

— Ei... — e coloca a mão na perna de Eloise. — Você acha que...

Eloise acena com a cabeça. O relógio marca 01h23 da manhã.

Não dizem muito. Estão de frente uma para a outra, as testas encostadas, enquanto suas respirações parecem se misturar.

— Minha barriga tá se contorcendo toda aqui — confessa Rafaela.

Eloise coloca o cabelo de Rafaela atrás da orelha, e assopra o nariz dela.

— Aposto que você já fez isso antes.

— Não assim — ela retruca.

Eloise não se mexe e continua olhando nos olhos de Rafaela.

— Eu consigo sentir meu rosto todo vermelho — sussurra Rafaela. As mãos dela tremem, apertando e massageando sua perna.

Eloise espelha os movimentos da outra. Toca primeiro nos fios de cabelo

que não consegue deixar de mexer. Depois, com a ponta dos dedos, explora o interior das coxas. Morde os ombros. O pescoço. Inala o máximo que pode.

Apaga as luzes com um comando, e a única fonte de luz no quarto escuro é da telinha no meio do peito delas.



Às 15h46, Eloise está deitada no peito de Rafaela, pertinho de um dos mamilos, considerando colocá-los na boca outra vez. Depois da noite anterior, escolheram passar o dia todo no quarto. O entretenimento ali é maior do que qualquer atividade que o programa possa oferecer. A pergunta a chama de volta.

— O que você teria feito se não fosse morrer tão cedo?

Dando de ombros, ela responde:

— Não cheguei a me permitir pensar assim. Mas talvez... tivesse adotado um gato. E você?

Rafaela murmura alguns “hum” como se só estivesse considerando agora, ainda que tivesse sido ela a iniciar a conversa.

— Tem tanta coisa que eu queria ter vivido... todos os lugares que nunca fui, todos os livros que nunca li... talvez eu fosse fazer algumas aulas de dança e depois trabalhar entretendo clientes em um cruzeiro.

Eloise não conseguiu segurar a risadinha que escapou dos seus lábios.

— Que inesperado... Por quê?

— Para ser a experiência mais distante de como vivi antes... Mas, dito isso, é uma pena não termos nos conhecido antes, não acha? Quem sabe assim eu também teria evitado todo um casamento.

— Não. Acho que a gente se conheceu no momento certo. — Prefere não explicar que, fora a morte que as cerca, talvez não tivessem nada em comum e, sem o desespero, Rafaela não teria qualquer motivo para falar com ela.

— Meio cruel que este seja o momento certo... — murmura Rafaela.

Eloise beija novamente o seio em que está deitada. A certeza de que logo não se verão mais é quase o bastante para fazer com que as juras pulem para fora de sua boca, para que confesse como sempre quis uma companhia assim. Em vez disso, escolhe dizer:

— Infelizmente, é assim que as coisas são, meu amor.



— Promete que não vai ver outra? — Rafaela segura seu rosto com as mãos.

— Não está se sentindo cansada? — Eloise sabe a resposta, pois já conhecia o processo. Viu ambos os pais falecerem bem nova, quando ainda tinham 35. É tudo muito rápido e indolor. Primeiro, vem apenas a sonolência, em seguida, o barulho de um relógio disparando à meia noite, e a boca abre suavemente em uma última arfada. Pulmões que nunca mais vão expulsar ar algum.

— Não estou sentindo nada de diferente em mim. Estou pensando, só. Na nossa grande história de amor.

Eloise ri um pouco, sem muita graça.

— Poxa, não acha que nosso amor foi infinito? — insiste Rafaela.

— O que você achar melhor.

— Tudo bem, vou considerar nosso amor como a história da Rose e do Jack.

A testa de Eloise fica toda enrugada.

— Esse filme velho é horrível.

Rafaela ri, e uma notificação aparece sobre a visão de Eloise. Faltam dez minutos.

Depois disso, não dizem mais nada. Rafaela se recosta na cama, enquanto Eloise segura uma das mãos dela e a acaricia com os polegares.

Três dias antes, eram estranhas. Agora, sabe que a mulher prestes a morrer cantarola ao se maquiar. Que ela ouve música ao tomar banho, e fala sozinha até mesmo enquanto dormia. Conviver com o silêncio sempre fora o forte de Eloise, mas Rafaela o rejeitava constantemente. Nos últimos minutos, no entanto, tudo que se ouve naquele quarto são as últimas batidas lentas do coração de Rafaela.

— Realmente espero que a gente se reencontre — Rafaela quebra o silêncio faltando três minutos. — Quando eu era criança... gostava tanto de pensar naqueles corações feitos de carne que as pessoas tinham antes, que eles não sabiam quando parariam de funcionar.

Eloise aperta a mão de Rafaela com um pouco mais de força, não diz nada e se aproxima para beijar a testa dela. Quase quer acreditar que não vai ouvir bip algum. Que uma garota tão falante, tão viva, fosse simplesmente desligar. Mas a telinha exposta no peito de Rafaela dispara uma única vez, e se apaga logo em seguida. Rafaela suspira uma última vez, sem tempo de fechar os olhos.

É só então que Eloise se afasta e fecha os olhos da outra, limpando com o dedo a lágrima que escorreu. Em seguida, precisa repetir três vezes o chamado para o hotel, a voz rouca. A resposta é imediata diante dos seus olhos.

Quando a levam, o quarto triplica de tamanho. Toda a presença que o preenchia levada embora. Eloise se encolhe na cama, abraçada aos joelhos.

Naquela noite, bebe dois daqueles energéticos.



Eloise deveria esperar na cama, para evitar que seu corpo desmorone, mas quer ver acontecer. Sem ninguém para segurar a mão dela, quer ser a própria acompanhante no processo.

O piso, mesmo usando meias, é gelado. Desde que Rafaela deixou o cômodo, a temperatura desceu alguns graus celsius, e não importa o quanto Eloise ajuste o termostato, continua sentindo arrepios.

O mundo todo parece girar, e ela sente como se fosse despejar todos os órgãos para fora em breve, mas sabe que não é o coração mecânico que causa essa reação. Está de frente para o espelho, com as mãos apoiadas na pia. Foca na pinta no pescoço, tentando ajustar a visão, e se lembra da que Rafaela tinha no rosto. No ombro. Nas coxas. Decide que é melhor fechar os olhos.

Gastou todo o dinheiro que juntou por anos para não morrer sozinha, mas não conseguiu dizer não para a primeira mulher que a olhou nos olhos e beijou seu rosto.

O programa enviou outras notificações, outras mulheres que pudesse conviver nos dias restantes, mas o estômago se revirava só de pensar em colocar alguém naquela posição de observador.

Para não cair no chão, tenta focar a visão naquela pecinha pequena no meio do peito, que cresceu consigo ao longo dos anos. Um coração fraco de segunda mão, a pecinha reaproveitada de alguém que morreu muito cedo, mas que era tudo o que seus pais puderam pagar.

Consegue ver os números diminuírem um a um, sua respiração acelerando junto deles, e o suor descendo das têmporas. Queria poder arrancar a peça dali. Ergue uma das mãos para agarrá-lo, mas os números se acabam todos.

Às 00:00h, seu peito apita naquele barulho baixo. O braço cai junto ao corpo, e Eloise desaba no chão.

Véu (In) Transponível

AUTORIA SOFIA LOPES

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Sofia é criativa, curiosa e sonhadora inveterada, sempre com alguma ideia ou questionamento fortuito correndo pela cabeça. Escritora quase compulsiva, tem como companheiros inseparáveis papel, caneta e o bloco de notas do celular. Sua ideia de encontro perfeito envolve noites de verão, passeios à beira d'água e bons vinhos.

por trás do metal
e sob os tênues arabescos
de minha pele
flui algo afim —
seiva da vida, sumo
do desejo
do ser

se tuas mãos
me buscassem,
impalpáveis —
do toque,
o espectro

e se teus olhos
presumissem,
invisíveis,
da palavra
o afeto

há aqui
amor possível —
o ver-se visto,
o olhar espelhado
do encontro
o encerrar,
enfim, da solidão.



Paixão Tecnológica

AUTORIA ROBINSON SILVA ALVES

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Robinson Silva Alves, nascido em Coaraci-Ba, ingressando nos caminhos da poesia onde tive a satisfação de possuir algumas premiações literárias, bem como também algumas publicações em antologias e revistas literárias, atualmente faço parte de uma associação cultural e curso Especialização em Gestão Cultural.

Me apaixonei por um emoji
Porém ela não curtiu
Mandei hashtag
E ela não viu

Apresentei uma serenata
Na live perdida
Enviei mensagens
Que não foram curtidas

Quero tuitar
Ixcrever sobre a vida
Mas não sei o que fazer
Nesta tela perdida

O mundo digital
Alguém me flw
É um mundo escondido
Onde o sol não raiou

Flw meu amor
Pois já tenho um naum
Quero ouvir um sim
Do seu coração

99,99%

AUTORIA RODRIGO ORTIZ VINHOLO

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Rodrigo ama café, limão, pimenta, livros e uma Carol. Nos mundos dos livros, não consegue parar de escrever, geralmente ficando na ficção especulativa, mas dando suas escapadas por outros gêneros e estilos. Apesar da fama de ter gnomos que o ajudam a produzir tanto, ninguém nunca conseguiu provar nada. Ele é uma criatura da internet, está no espectro autista e gosta muito de tranquilidade.

Pietro amava tecnologia, especialmente pelo modo como ela lhe dava uma sensação de segurança, de controle.

Quando pensava na história humana, sempre se impressionava com as grandes invenções, e imaginava que a vida com menos tecnologia do que tinha deveria ter sido horrível. Tinha consciência de toda conveniência que era oferecida para ele e para todos os outros, em especial no modo como a tecnologia permitia direcionar seu destino.

Além das facilidades de transporte, de acesso à informações, e de cada detalhe que multiplicava seu conforto e afastava trabalho desnecessário, foi com a ajuda da tecnologia que teve, desde cedo, implantes oculares para compensar seus problemas de visão. Foi por meio dela, também, que teve o conhecimento precoce de que estava no espectro autista, e entre apoio para suas interações sociais, acomodação para seus hábitos ou integrações com seus protetores auriculares, ele tinha plena consciência de que não seria o mesmo sem a tecnologia.

Havia, porém, uma questão incômoda para ele. Claro, Pietro não se importaria de algoritmos ditando cada um de seus passos, entregando seus interesses, regulando o funcionamento do seu corpo, o trânsito da cidade e incontáveis outros fluxos da vida humana. Ele não se importava com seu destino nas mãos de uma máquina.

Mas o amor, ah, o amor era uma coisa diferente.

Ele havia resistido. Apesar de seu histórico de insucessos, recorrer a um aplicativo soava quase ofensivo.

É fato que, se fosse ele mesmo direcionar os detalhes de busca do algoritmo, o resultado seria diferente do perfil que foi indicado para ele. Sophia era baixa, com cabelos castanhos curtos, olhos grandes, lábios grossos e uma expressão de quem estava sempre se divertindo discretamente com o que via. O aplicativo indicava áreas fortes de compatibilidade em interesses, personalidade, estilo de vida e uma série de outros fatores comportamentais mais sutis.

Se fosse falar como desejava uma mulher, suas referências de aparência seriam clichês de supermodelos com todos os exageros somados a ideais inalcançáveis de sucesso, inteligência e compatibilidade. Junto de tudo isso, ele queria uma paixão à primeira vista, algo perfeito, instantâneo e idealizado, que pulasse todos os passos do início de uma relação, porque com isso não corria o risco de não ser suficiente para alguém. Era um jeito de se proteger de suas inseguranças, e de poder preservar a si mesmo e ao seu orgulho, caso não desse certo.

Era fato que, não importava o quanto falasse, Pietro não sabia o que queria. E ali, vendo Sophia, ele ainda não sabia, mas teve que reconhecer que, em todo seu desconhecimento, havia algo nela, da aparência à promessa, que era diferente.

Ele sabia que o algoritmo era completo, e que o histórico indicava um nível de erro próximo a zero. Ele sabia que a indicação de confiabilidade de 99,99% era rara o suficiente para ser um erro estatístico, e que ninguém chegava a 100% dentro daquela metodologia.

Ainda assim, ele não quis acreditar, e quando começou a trocar mensagens com Sophia foi com um vago despeito, certo de que ela não seria tudo que prometia.

Para seu incômodo maior, não levou um dia para ver que estava errado.



— Você é um robô?

A pergunta de Pietro pareceu pegar Sophia de surpresa. Ela apertou os olhos, sem perder o sorriso, e em seguida riu.

— Isso é a coisa mais romântica que já me disseram — respondeu ela. — Ou talvez a mais horrível.

Havia passado uma semana desde que começaram a conversar por mensagens, e decidiram marcar o primeiro encontro ao vivo em um sábado. Os dois se encontraram à tarde na Avenida Paulista, e escolheram um café em uma travessa no começo da Rua Augusta para comerem alguma coisa e se conhecerem melhor. O clima estava ameno, e turistas andavam por perto, ocupados com seus próprios itinerários, mas sem correria.

Pietro estava visivelmente nervoso, hesitando a cada frase, escolhendo cada palavra e se arrependendo de tudo o que dizia, em oposição a Sophia, que parecia tranquila. Ele teve que reconhecer que não acertou o tom com a pergunta sobre ela ser um robô, e que não soou exatamente como gostaria que tivesse sido.

— Eu, ah... Me desculpe, era para ter sido um elogio — disse ele, desviando o olhar e encarando a xícara de café expresso vazia.

— Elogio? — perguntou ela, ainda sorrindo, um sarcasmo leve, mas amigável, dançando no som de suas palavras.

— Você é... — ele hesitou — perfeita.

Sophia ergueu as sobrancelhas, e Pietro imitou o gesto, se dando conta de que talvez tivesse exagerado.

— Eu... — tentou emendar — Veja, eu quero dizer que você é muito bonita, interessante e fala muito bem. Você se mexe de um modo preciso e seu rosto tem uma bela forma.

Ela apertou os olhos novamente, balançando a cabeça de modo incrédulo, e riu.

— Tá bom, acho que nunca fui elogiada desse jeito. Você também é interessante, Pietro... Mas respondendo sua pergunta: não sou um robô.

Ela levantou a mão fechada na altura do rosto e por um instante ele não entendeu o que estava acontecendo, até notar o biomonitor no pulso dela.

— Vê? Estou viva — declarou Sophia, indicando a pequena projeção com seus sinais vitais.

Pietro devolveu o sorriso e, um pouco afobado, puxou a camisa para copiar o gesto.

— Eu também estou vivo — respondeu ele, balançando a cabeça.

— Excelente. Estamos vivos. Temos isso em comum. Organicamente vivos.

Ele ia retorquir sobre a redundância da expressão, mas entendeu que era uma piada, ou talvez um trocadilho entre a oposição de consciências orgânicas e inorgânicas, e apenas concordou.

— Sim.

— Isso é importante — disse Sophia, abaixando o braço para terminar seu capuccino. — Caso contrário, não conseguiríamos estar aqui, conversando.

Essas voltas não diziam nada, mas Pietro gostava de seu senso de humor estranho. Gostava de vê-la falar. Só não sabia bem como responder.

— É — disse, preenchendo o espaço vazio.

Ela o encarou em silêncio por um instante. Sua expressão era a mesma de contemplação, de discreta diversão e satisfação. Ele tentou adivinhar seus pensamentos, mas não conseguiu.

— E agora? — perguntou Pietro.

Na superfície, a pergunta parecia direcionada a uma decisão de pedirem ou não a conta, mas ambos sabiam que ele estava se referindo a algo além. Era algo sobre o progresso do encontro, dos planos que tinham para o dia e sobre a percepção dela a respeito dele.

Sophia consultou seu implante neural por um instante e, sem mudar a postura, sugeriu:

— Bem, a gente não conversou o suficiente para eu querer te beijar, e temos tempo até a reserva que você fez, então ia sugerir que a gente passeie um pouco. Tem uma livraria boa aqui perto, vamos?

A ideia de beijá-la parecia uma recompensa longínqua e inalcançável, mas a mera menção foi o suficiente para fazê-lo sorrir.

— Vamos.



Na livraria, Pietro conseguiu observar mais uma vez como tinham gostos diferentes, mas parecidos. O ambiente da livraria o deixava um tanto mais à vontade e, assim, não precisava ficar pensando demais em tudo que fazia.

— Já leu “Os despossuídos”? — perguntou ele, mostrando o volume de Ursula K. Le Guin para Sophia.

— Conheço por nome, mas não li. Gostei de “A mão esquerda da escuridão”.

— Provavelmente você vai gostar desse... Aliás, preciso terminar de ler a

série de “Hyperion”... Ah, olha! Aquela edição de Vonnegut reproduz a capa antiga! — disse, apontando para uma cópia de “Matadouro-Cinco”.

Sophia estava agachada próxima a uma parte baixa da prateleira. Ao lado de uma série de obras de Tolkien, Lewis e Rothfuss, ela olhava os volumes de Brandon Sanderson.

— Acho que no geral eu prefiro as coisas mais mágicas — explicou ela, segurando o primeiro volume de “O caminho dos reis”.

Vendo-a com aqueles livros, algo no interior de Pietro pareceu estalar, como se uma peça se encaixasse.

Ele entendia que o algoritmo, com seus 99,99%, nunca seria 100% tanto porque seria estatisticamente improvável, quanto porque ele mesmo era desenhado para permitir flutuações. A mensagem implícita era que nunca encontraria a pessoa dos sonhos, porque era justamente “dos sonhos”. Mas podia chegar bem perto disso, e era esse o ponto.

Discretamente, ele também observou o quanto não sabia bem o que queria, não plenamente. Se surpreender com Sophia significava entender o quão pouco conhecia a respeito de si mesmo... e o quanto mais o algoritmo claramente entendia.

Não compraram nada na livraria. A conversa partiu de obras para nomes de autores, e uma coisa levou a outra e decidiram rumar para a avenida para caminhar por portais de turismo.

Os portais haviam completado um século no ano anterior. Caminhos de transporte instantâneo de longa distância baseados em uma tecnologia de buracos de minhoca estáveis, onde bastava um passo para estar em outra cidade, país e até, claro, planeta. A função inicial dos caminhos não era o turismo, mas com a velocidade crescente e o aperfeiçoamento da tecnologia, a revolução no transporte não demorou para chegar também nesse tipo de acesso e se tornar um padrão.

Como era de se esperar, Pietro amava essa tecnologia, e nunca deixava de se maravilhar. Provavelmente, das muitas soluções sobre as quais os outros sequer refletiam, essa era uma das que mais gostava de explorar e falar a respeito. Era fã das singularidades, tendo como hobby decorar códigos de destinos — uma afetação des-

necessária a esse ponto de evolução das interfaces de transporte, diga-se de passagem.

Pietro poderia explicar por horas a fio a respeito dos portais de turismo, mas perto de Sophia o conhecimento lhe escapava, porque se sentia continuamente impressionado por ela. Não sabia dizer exatamente o que inspirava essa sensação, mas tinha algo a ver com uma certa graça com que ela existia no mundo, o jeito como ela parecia ter facilidade em ser ela mesma. E, claro, o fato de ser quem era.

— Para onde? — perguntou Sophia, olhando as opções na interface.

— Eu... Confesso que fiz um milhão de planos, mas na minha cabeça nada seria como está sendo, então não sei... — argumentou Pietro, e em seguida se corrigiu. — Não estou reclamando, veja bem. Eu só estou dizendo que...

— ...que você tinha uma história pronta na cabeça? — interrompeu Sophia.
— O final era feliz?

— Era... — admitiu Pietro. — Mas não era como isso aqui. Isso é melhor, e nem sei por quê.

Sophia riu, balançando a cabeça.

— Nesse caso, eu escolho o caminho, claramente estou fazendo algo certo.

A ideia de visitar Paris foi dela, e ele concordou, escolhendo um código que levou-os próximos ao Rio Sena. A transição para a noite era um pouco peculiar, mas as luzes e o movimento contínuo de turistas amenizaram o baque. As cidades não dormiam tanto quanto nos séculos anteriores, muita coisa havia mudado.

Sophia conhecia bem a cidade. Ela contou como sua família costumava sempre visitar, e como havia chegado a cursar a Universidade de Paris. Conforme seguiam pela margem do rio, ela apontava um ponto e outro. Pietro até conhecia alguns, mas gostava de ver a profundidade com que ela falava.

— Você conhece a Pont des Ars? — perguntou, indicando uma estrutura antiga que cruzava o rio, claramente favorecida pelos turistas.

— Acredito que já ouvi o nome.

— E a história dos cadeados? — disse ela, encostando em guarda-corpo próximo ao rio para indicar enquanto falava.

Pietro resistiu ao impulso de consultar a informação instantaneamente

através de seu implante e balançou a cabeça negativamente.

— Havia uma tradição — explicou Sophia — séculos atrás, onde casais apaixonados vinham até a ponte com cadeados.

— Cadeados?

— Eles gravavam suas iniciais em cadeados, geralmente de metal, e prendiam nas grades da ponte. Era como um ritual romântico, algo mágico... mas gerou um problema.

Pietro não notou quando foi que encostou também para ouvi-la. Estava fascinado por ouvir qualquer coisa que ela dissesse.

— A estrutura da ponte é do século XIX — continuou Sophia — e a prefeitura de Paris teve que escolher entre permitir o romance acontecer... ou arriscar que a ponte caísse.

— Quê?! — exclamou Pietro, surpreso.

Sophia gargalhou com a reação, levando uma mão à boca.

— É sério! — explicou, ainda rindo. — Dizem que havia quase 50 toneladas de metal a mais na ponte, porque passava de um milhão de cadeados. Todo mundo queria eternizar seu amor, e aí a ponte venceu o amor.

Pietro piscou algumas vezes, considerando, depois ergueu as sobrancelhas.

— Eu... entendo, mas é uma pena, não?

Sophia o encarou de frente, com expectativa, e Pietro resistiu a desviar os olhos.

— Acho que a cidade estava certa, mas parece divertido fazer esse tipo de coisa.

— Ah... — provocou Sophia. — Então você também gosta de um pouco de magia, não?

Ele foi argumentar, mas Sophia segurou sua mão e ele sentiu as palavras e os pensamentos remanescentes fugirem. Ela notou a vaga confusão, mas quando fez menção de soltar ele reforçou os dedos ao redor dos seus, e então ela riu. Os dois continuaram andando, e no silêncio Pietro pensava em cadeados, eles e como não queria soltar aquela ligação que parecia tão frágil, mas tão grande.

Foi nesse ponto que resolveu perguntar algo que o vinha incomodando.

— Posso fazer uma pergunta que talvez soe filosófica demais? — perguntou, sem tirar os olhos da Neues Rathaus.

— “Filosófica”? — disse Sophia, com um tom sarcástico. — Se for sobre o meu nome, eu sei o que “Sophia” significa, essa cantada não funciona comigo.

Pietro foi pego desprevenido.

— Quê? Não, é uma pergunta filosófica mesmo. É sobre o algoritmo.

Ela ergueu as sobrancelhas, encarando-o. Apesar de sentir seu olhar, ele não conseguiu encará-la, então fingiu que olhava a praça.

— 99,99%? — questionou Sophia.

Pietro conseguiu forças para levantar os olhos até os dela.

— Isso também te incomodou?

— Eu... — ela começou, devagar — não diria incômodo, mas acho que sei o que você quer dizer. Era essa a pergunta? Se eu me incomodei com os 99,99%?

— Não, a pergunta era se você acredita em predestinação — disse ele, sentindo o rosto quente. — Que existe a pessoa certa para alguém, que é só questão de tempo para que você cumpra algum destino, coisa assim.

Sophia pausou, com uma expressão séria, parecendo considerar a pergunta. Depois ela sorriu.

— Alguém já te falou que você é um romântico?

— Nunca — respondeu Pietro, sinceramente.

— Pois você é um romântico.

Ela o olhou de uma forma que ele sentia que ninguém nunca havia olhado. Ela parecia orgulhosa de ter observado algo que nem ele reconhecia e, ao mesmo tempo, gostava do que via. E havia algo a mais: era como se ela soubesse que parte dele sabia, mas que ele negava da mesma forma, então o reconhecimento era como uma vitória em um jogo estranho que ninguém declarou que vinha sendo jogado.

— Tenho minhas dúvidas — desconversou ele, notando que ela não havia respondido a pergunta, mas incapaz de insistir.

Vendo que, apesar do horário, mais turistas se aglomeravam, puxou Sophia

para o portal e de lá ambos saltaram para o bairro de Akihabara, em Tóquio, Japão. O arrependimento veio rápido, com o movimento intenso mesmo na madrugada, então pegaram um portal local para Quioto e, caminhando ao lado do rio Kamo, conseguiram conversar com alguma tranquilidade.

— Eu sempre quis acreditar — continuou Pietro, em sua veia romântica-filosófica — que o amor é uma coisa mais destinada, que a vida é uma coisa mais especial, mas a tecnologia acaba um pouco com a magia. Não me leve a mal, eu amo tecnologia, mas não consigo deixar de ver alguma perda...

— Você acha? — perguntou Sophia, e seu tom era de uma discordância respeitosa.

Pietro gesticulou, incerto de como começar a explicar seu ponto.

— Considere nós dois...

Ela alargou o sorriso.

— Isso é uma proposta, Pietro?

Ele quase engasgou, balançou a cabeça, riu e tentou voltar a ficar sério, tudo em sequência rápida, enquanto ela se divertia com sua reação.

— Pense assim — começou, assim que se recuperou, e foi enumerando com os dedos e gesticulando conforme falava. — Nós moramos na mesma cidade, falamos a mesma língua, temos tanto em comum que isso faz parecer que seja uma questão estatística. Eu passei a vida vendo histórias românticas em que o amor é uma coisa acima dos seres humanos e que a gente se conecta por acaso... mas agora não há acaso. Nós somos estatisticamente prováveis, e isso é bem pouco mágico.

Sophia torceu a boca e meneou a cabeça lateralmente.

— Eu acho que você não está colocando as coisas na perspectiva certa.

— Esse é um jeito legal de dizer que estou falando bobagem.

— Se preferir, eu digo que está falando bobagem. Posso continuar?

— Por favor.

Os dois caminhavam seguindo o rio, conversando. Apesar de olharem o cenário, a atenção estava em suas palavras, na sensação de seus corpos próximos, nas mãos que se tocavam. As roupas haviam climatizado os corpos a cada transição,

e aquela noite em Quioto estava consideravelmente mais fria que a tarde em São Paulo, mas nenhum dos dois sentia, ou se incomodava.

— Essa questão de estatística ou não, de como as pessoas se conhecem ou não, isso é algo antigo. É algo que as pessoas sempre fizeram, sempre foi um problema, a ponto de deixar de ser considerado um problema. Nós não somos muito maiores do que nós mesmos.

Pietro apenas olhava conforme Sophia falava. Naquele momento se dava conta que, apesar de seu amor por explicar e monologar, poderia ouvi-la falando indefinidamente. Ela continuou, sem se incomodar com seu olhar intenso.

— Quando as pessoas moravam em vilas, o amor da vida delas provavelmente era daquela mesma vila, quem sabe no máximo de uma vila vizinha, e todas essas histórias épicas sobre amores longínquos só parecem boas porque a gente não vê o que tem depois do “felizes para sempre”, ou são interessantes justamente porque são exceções.

— Mas não moramos em uma vila — disse ele, apontando o óbvio que os dois sabiam.

— Justamente. E é difícil sermos todos exceções. Mas mesmo se isso fosse tudo aleatório, e sabemos que não é, ainda haveria a chance de nos encontrarmos. Sendo parte de uma vila ou de algo muito maior, não quer dizer que não poderia ser diferente. Nós temos um algoritmo que nos deu 99,99% em uma rede que pega usuários no planeta inteiro e em duas colônias espaciais. Nós poderíamos estar saindo com incontáveis outras pessoas, e não quer dizer que não daria certo. Isso sempre foi um risco com esse tipo de coisa.

Os dois alcançaram outra entrada de um portal turístico. Sophia indicou Xangai, e em instantes estavam sob os luminosos da Rua de Nanquim, uma hora atrás no fuso.

— Toda alma gêmea é uma raridade estatística — disse ela, entrelaçando seus dedos nos de Pietro. — Mas, como tudo que é raro, acontece muito, com a amostragem certa.

A rua estava cheia, mas entre pessoas que iam e vinham, Pietro só conseguia

olhar para Sophia, procurando palavras para definir o que sentia. Ela tocou seu rosto em um gesto carinhoso e ergueu a voz para se fazer entender por cima do barulho.

— É isso mesmo. E sem esse papo de “alma gêmea” no primeiro encontro, hein?! — exclamou rindo. O sorriso indicava que, no fundo, ela não tinha tanto problema assim com a ideia.

Ela ia começar a puxá-lo pela rua, quando estacou, se lembrando:

— Aliás, temos que ficar de olho na reserva!

Pietro consultou seu implante, verificando os dados do restaurante e a orientação de horário unificado que ele utilizava. De fato, era melhor seguirem em frente longo.

Os dois voltaram para o portal mais próximo, colocaram o código da Colônia Lunar, e atravessaram.



Com o modo como as coisas haviam evoluído, a maior parte dos grandes restaurantes, estabelecimentos comerciais e mesmo toda a orientação de vida das cidades havia se configurado para receber pessoas a qualquer hora, justamente porque estavam constantemente lidando com diferentes padrões.

Na Lua, os estabelecimentos acabavam tendo horários de pico conforme suas localizações, muito pela preferência do público de conseguir manter a Terra à vista. Era o caso da rota escolhida por Pietro: o restaurante favorecia o estilo clássico de cúpula de visualização, e ficava logo ao lado de uma praça que favorecia passeios sob as estrelas.

Deixaram a filosofia de lado por um tempo e dividiram *topokki* e *mandus* vegetarianos — os dois eram vegetarianos e apreciavam culinária coreana, em mais um dos acertos exatos do algoritmo — e ainda que Pietro fosse menos resistente à pimenta, que deixava seu rosto vermelho, achou tudo delicioso, ainda mais na companhia de Sophia.

A conversa fluía bem. Muitos dos tópicos envolviam os inevitáveis pontos de convergência e compatibilidade das personalidades e gostos dos dois, e a obser-

vação de que nenhuma discordância era substancial o suficiente para inviabilizar o relacionamento. Nenhum dos dois havia declarado abertamente, mas estava claro que continuariam apostando no relacionamento.

Depois do jantar, os dois seguiram para a praça. O ambiente não era diferente de tantas praças terrestres, combinando árvores, grama, concreto e metal. O verde era mantido de outras formas, claro, mas do mesmo modo como a gravidade era manipulada para se aproximar aos padrões terrestres, tudo era feito discretamente, mantendo a vida ali o mais natural e ininterrupta possível.

A vista da praça era ainda mais bela que a do restaurante. Havia algum movimento de outros turistas, em especial de casais, mas as luzes artificiais eram mais espalhadas e menos intensas, justamente para facilitar a visualização das estrelas, e isso levava a um clima mais intimista, e induzia a menos barulho. Em alguns pontos, telescópios estrategicamente posicionados convidavam visitantes a explorarem as visões do espaço.

Pietro e Sophia ativaram um deles e, consultando algumas constelações pela tela compartilhada, continuaram a conversa que, a bem da verdade, nunca havia parado definitivamente.

— Você sempre leva suas paqueras para um passeio na Lua? — provocou Sophia.

— Você me superestima perguntando com esse plural, aí, em “paqueras” — respondeu Pietro, sincero, se permitindo um sorriso frente à piada autodepreciativa.

— Por que? Estava se guardando para a pessoa certa?

— Na verdade, nunca chegava nesse passo nem com as erradas — lamentou ele, mas ainda com humor na voz.

Sophia suspirou, balançando a cabeça.

— Eu te entendo. E agora acho que entendi seu ponto sobre o 99,99%. Não que eu concorde de todo, mas eu entendi.

— Entendeu? — Pietro deixou de encarar a tela, para dar a ela toda a sua atenção.

— Sim, de certo ponto de vista, o algoritmo é um pouco insultuoso. A gente

prefere estar no controle, dizer que entendemos de nós mesmos, do mundo, e aí chega uma máquina e faz tudo funcionar de um jeito que não esperávamos.

Pietro balançou a cabeça, concordando.

— Se fosse o destino, uma força impessoal dizendo que encontramos a pessoa certa, eu conseguiria aceitar mais do que um software.

Estavam em um ponto alto da praça, projetado acima de um gramado maior. Sophia caminhou até um beiral, deixando de lado o telescópio, se apoiou e olhou diretamente para as estrelas. Pietro acompanhou.

— Mas não deixa de ser um tanto de destino, pensando bem — disse ela. — Se só nós somos o 99,99% um do outro, e tivemos que tomar a decisão certa na hora certa de escolher o serviço que nos trouxe até aqui, ainda há toda uma questão de causalidade. Se você quer acreditar em destino, achar que ele não vai se aproveitar de tecnologia soa ingênuo.

Apesar das estrelas, Pietro não conseguia tirar os olhos dela. Até então, ele já estava pronto para dar o braço a torcer e aceitar o que não podia controlar, o que não mudaria por conta de sua vontade ou opinião. Ele poderia seguir sua vida conformado. Mas as palavras de Sophia foram a chave para destravar a barreira final que fez com que compreendesse de vez e em outros níveis que não havia percebido.

Por um instante, ele a encarou em silêncio. Ela devolveu o olhar, e havia um entendimento mútuo ali. Tanto que, quando ele falou, era quase superficial. Era a confirmação do que já sabiam.

— Está me dizendo que nós podemos ser almas gêmeas, então? Que devemos dar ouvidos ao mesmo algoritmo, apesar de tudo? — perguntou Pietro.

— Vamos colocar assim: ele não errou, né? Se a nossa vila agora é o planeta todo e mais um pouco e nos demos bem, não há muito do que reclamar.

Sem deixar de se apoiar, ela estendeu uma mão a ele, que a segurou.

— Alguém já te disse que você é uma romântica? — questionou Pietro.

— Várias vezes, esse é um dos meus pontos fortes — declarou Sophia, com um dramatismo exagerado.

Os dois riram com uma naturalidade que poderia ser confundida com

uma convivência bem mais duradoura do que aquelas poucas horas. Aquilo era compatibilidade.

Depois se olharam, sorriram, e Pietro se viu estendendo a mão para tocar o rosto dela. Ela aceitou o gesto, e em seguida aceitou também o beijo.

Quando Pietro se afastou, encontrou Sophia com uma expressão pensativa, e seus velhos hábitos imediatamente o colocaram em alerta.

— O que foi?

— Não foi tão bom, confesso. Não foi um beijo 99,99% — disse ela, fazendo uma careta.

— Eu...

— Precisamos praticar mais.

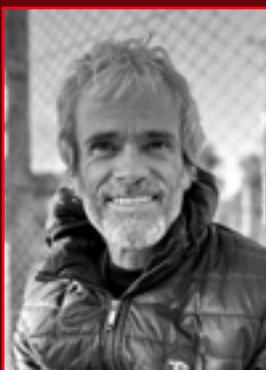
Então Sophia o puxou, e continuaram se beijando.

Site de Relacionamentos

AUTORIA EDUARDO MARTÍNEZ

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO THAIS ROCHA



Eduardo Martínez nasceu na cidade do Rio de Janeiro, possui formação em Jornalismo, Medicina Veterinária e Engenharia Agrônômica. Seus contos e crônicas são utilizados por algumas escolas no Rio de Janeiro e em Brasília. Atualmente, é cronista/contista do Notibras e do Blog do menino Dudu.

Dama das Camélias, 46 anos... A mulher, convencida por uma amiga, decidiu fazer um perfil em um site de relacionamentos. Isso depois de dois casamentos, três filhos e quatro cachorros. Os relacionamentos, apesar de terminarem com certas rusgas, deram certo por algum tempo. Vieram alguns namoricos após, sem contar dois ou três flertes com colegas de trabalho durante o último, especialmente pelo distanciamento do então marido.

Dom Casmurro, 45 anos... O homem, há pouco separado da esposa, se sentia solitário. Havia se casado aos 20 anos com a primeira namorada. Ela, cansada da monotonia, achou por bem dar um fora no marido. Ele parecia um peixe fora d'água, tamanho o tempo que estivera fora do jogo da paquera. Para tentar apaziguar a situação, o solitário fez um perfil, por coincidência, no mesmo site da tal Dama das Camélias.

Quase dois meses de conversas infrutíferas, até que aqueles dois, finalmente, encontraram perfis compatíveis. Trocas de mensagens por quase duas semanas, até que, encorajados, marcaram um encontro para o próximo sábado em um quiosque em uma famosa praia do Nordeste. E, apesar da ansiedade, a semana correu que nem cabrito fugindo de suçuarana.

— Bom dia, Galante da Orla!

— Bom dia, Luar do Sertão!

O homem tratou logo de perguntar se ela queria beber algo. Nada mais que uma água de coco, o mesmo que ele também desejou, talvez imaginando ganhar alguns pontos com a mulher. Seja como for, a conversa engatou de tal maneira que os dois acharam por bem prolongar o encontro até um restaurante logo adiante. Ao saírem do quiosque, nem perceberam que por ali estavam uma mulher e um homem, que olhavam de um lado para outro, provavelmente em busca de alguém.

Almoçaram moqueca e beberam suco de laranja. Tomaram sorvete de umbu e, para arrematar, pediram aquele cafezinho. Sem vontade de se separarem,

foram dar um passeio pela orla, onde ela, mais atrevida, perguntou se os dois poderiam esticar o encontro em algum local mais reservado. O homem pareceu gostar da ideia, tanto é que rumaram para um motel próximo.

Amaram-se durante o resto do dia. Resolveram jantar no motel, quando a mulher, curiosa, quis saber por que ele a havia chamado de Luar do Sertão.

— Porque é o seu perfil no site.

— Não. O meu é Dama das Camélias.

— Dama das Camélias?

— Peraí! Não vai me dizer que o seu não é Galante da Orla?

— Não! Sou o Dom Casmurro.

O casal, pego de surpresa pela inesperada revelação, achou graça de tamanho equívoco. Ela se sentou no colo do homem e o beijou nos lábios. Ele a apertou em seus braços e, em conluio, passaram a noite sob os lençóis.

Para os que andam por essa bela orla, ainda hoje, é possível encontrar aquele casal. Chega a ser engraçada a reação das pessoas quando descobrem como é que os dois começaram a namorar.

— Silmar, então foi por engano que você conheceu a Maria Lúcia?

— Não, meu amigo. Foi por todos os acertos!



i'm allergic to basic

Apaixonado Remetente

AUTORIA MAYARA ZAMPIERI

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



May é prolixamente beletrista, amante da literatura, irremediavelmente romântica e defensora de rotina. Graduanda em Letras, faz da escrita sua morada e da arte seu itinerário de vida.

De <remetente@email.com>

Para <destinatário@email.com>

Querido,

Nunca fui de escrever cartas de amor. Minha maior habilidade de escrita mecânica foi o poema que fiz no fundamental sobre o Dia dos Namorados, enquanto brincava com a empoeirada máquina de escrever do meu pai — irônico, sendo que eu sequer tinha dado meu primeiro beijo. Com a ínfima experiência amorosa de vida, ganhei uma nota 10 recriando o roteiro do filme favorito da minha mãe.

A maior sorte de um indivíduo como eu foi o advento da internet. Inconcebível pensar que as almas gêmeas por séculos eram restritas às pessoas que habitavam o mesmo vilarejo: pretendentes unindo-se em casamento por convenções sociais. Os aplicativos de relacionamento criam casais mais rapidamente do que os bailes do período regencial. Os pombos-correio foram substituídos pelos *e-mails* e o antiquado cortejo deu lugar para as mensagens de texto instantâneas. O slogan da *web* poderia ser singelo: *seu amor a um clique de distância!*

E que ventura a minha, encontrar meu par dentre bilhões de usuários. Te ver no monitor pela primeira vez fez surgir em mim a paixão que Camões sempre declamou, e logo me vi como um adolescente novamente. Nervoso, tímido, muito acanhado de mandar a primeira mensagem. Palavras, piadas, figurinhas — como caracteres tão rapidamente transformam desconhecidos em amantes?

Afinal, não são todos os casais que têm como primeiro encontro um requintado *delivery* à luz de tela de uma ligação em vídeo. Minhas noites, antes solitárias, se encheram de contentamento com nossas sessões de cinema *online*. Nosso perfil no site de *reviews* cinematográficas se tornou nossa biblioteca, conservando as críticas como o acervo pessoal de dois renomados escritores no ciberespaço.

Talvez não seja ao acaso nosso amor ser contemporâneo. Talvez não tenhamos nascido para a pena e o papel timbrado, para a formalidade das cartas à mão. Talvez nossas declarações sejam melhor escritas por *pixels* em um teclado barulhento, confissões sussurradas em áudios pela madrugada. Por você, meu amor sempre estará a um clique de distância.

Atenciosamente seu,
Apaixonado Remetente.

Até o Último Cafezinho

AUTORIA ANNA TOLEDO

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO THAIS ROCHA



Tendo a matemática como profissão desde 2020, escrever tornou-se uma válvula de escape. Aos 25 anos, Anna Toledo dá vida à imaginação criando romances fanfictions enquanto explora a infinitude de possibilidades que o universo das antologias oferece. A paixão por números e astronomia se combina com a literatura numa curiosa fusão resultando em histórias fantásticas pontilhadas de ficção científica.

Dizem que o amor cura todas as feridas... Errado! O nome desse remédio milagroso é café. Viajou não sei quantas léguas, foi motivo de massacres e causador de conflitos internacionais, selou tratados de paz e até serviu como troca de gentilezas entre povos em guerra. Gostoso, encorpado e enche a casa com esse cheirinho de infância. Se há algo pelo qual vale a pena lutar para ver e sentir todos os dias, essa coisa é o café. Eu que não sou bobo, insisto numa árdua disputa diária em nome de um bom café matinal.

Diferente do desperdício de certas pessoas com quem compartilho a vida e conseguem errar a mão nessa bebida sagrada, eu respeito cada grão torrado para nos satisfazer. A batalha, neste caso, só persiste graças ao encanto de outro amor da minha vida que nunca aceita a derrota: Jucelino já emendava a voz manhosa ao fim da partida.

— Só mais uma...

— Não.

— Melhor de três? Por favor!

Juro que me esforço, mas aquele sorriso torto em que os olhos somem em meio às dobrinhas mexia comigo. Passados sessenta anos, ele ainda sabe direitinho como fazer eu me sentir uma criança. Uns dentes a menos, umas dores a mais... Mas, no fim das contas, sou o mesmo.

— Mundinho!

— Melhor de três. Depois, sem discussão. E a louça é sua.

Assim, pegamos os controles e voltamos à partida de *Mario Kart*.

Meu marido sempre amou consoles antigos e compramos um idêntico ao original do início do século XXI.

Virou nosso meio de resolver discussões sem afetar o relacionamento: quem tira o lixo, quem escreve a lista de compras. Pagar as contas e separar os remédios sempre foi minha responsabilidade porque sou “Raimundo, o *vêio* dos números” e

ele ficava satisfeito de ser nosso “Jucelino-escolhedor-de-coisas”, principalmente de filmes. Depois que acabaram os *drive-in* e as salas de cinemas, passamos a sair para ver filmes por aí, em lugares aleatórios, usando bons fones de ouvido acompanhados de um lanche. Temos um banco preferido no Jardim Botânico e uma padaria na esquina com pão de queijo gostoso e acesso livre ao wi-fi, mas quando queríamos ver filme acompanhado de cafezinho, precisávamos ficar em casa pelo método tradicional, nada daquelas máquinas de expressos com trinta grãos diferentes...

Só o bom e inesquecível café. Essa manhã, a disputa pelo café foi particularmente mais acirrada porque combinamos de assistir logo cedo um dos DVDs mais raros que achamos em um sebo. Claramente *eu* faço o melhor café, mas Jucelino ainda clamava pelo direito de fazer aquela água rala:

— Não acredito... Está trapaceado contra um velho, Raimundo? Esperava mais de você. Não é porque tem só mais quarenta semanas que pode me enganar! Eu mereço um café docinho para começar bem a segunda-feira.

A gente funciona bem juntos, até nossas doenças se encaixam direitinho. Para quem se orgulhava da saúde perfeita, acabei descobrindo que o problema no coração já não tinha solução. Conseguiram trocar cada pedacinho meu de dentro, mas meu corpo entrava em greve de vez e rejeitava os enxertos. Os médicos me deram exatamente um ano na última cirurgia até uma greve definitiva dos órgãos impressos, e meu velho inventou de contar as semanas que me restavam vivo. Até seria uma boa piada mórbida, não fosse pelo cérebro ruim do dito cujo: eu vou morrer logo logo e ele nem vai lembrar. A demência já falhava tanto na memória curta dele que estamos vivendo nesta mesma segunda-feira há quase um mês.

Depois de uma inquestionável vitória no *Mario Kart*, fomos ver o filme gravado em disco tomando o *meu* delicioso café. *O homem bicentenário* envelheceu como ouro, mostrando esses robôs espalhados por aí como se fossem formigas de metal trabalhando nas casas. A única parte complicada dessa temática é que lembrava a proposta da minha cunhada de experimentarmos a *Realidade Simulada*.

A ReSi era o jogo do momento, que oferecia uma imersão completamente sensorial. Prometiam sabor, calor e até o friozinho na barriga ao pegar um avião.

Promessas, é claro. Ainda estava em fase de testes, mas precisavam testar em pessoas a longo prazo para saber se as impressoras proteicas realmente forneceriam os nutrientes adequadamente. Eu sabia de onde vinha a birra do Jucelino em não querer conhecer o jogo: aceitar novas tecnologias ou qualquer grande mudança parecia doer nas juntas como se o deixasse ainda mais velhinho. Enquanto seu mundinho permanecesse o mesmo, ele sentia que estava a salvo da passagem do tempo. Seu mundinho, muitas vezes, era eu mesmo. Ainda assim, eu insistia para participarmos:

— É só um teste.

— A gente é velho!

— Velhos também vivem! E podem gostar de coisa nova também... Já imaginou isso? Viver numa realidade onde sua memória não se perde mais porque fica guardada num SSD. Enfim vai conseguir terminar as temporadas de suas séries e vamos viajar. Você sempre quis ir à Nova Zelândia.

— Não é a Nova Zelândia de verdade, é só um filminho na minha cabeça.

— Se vai sentir a grama, o vento, as ondas... Que diferença faz se é só um filminho? Pensei que gostasse de ver filmes comigo. — Meus olhos pedintes também funcionam contra aquele rabugento. — Você é meu mundo todinho.

— Você é meu mundo todinho.

As mãos dadas evoluíram para um abraço. Eu tinha a sensação de ter encolhido com o tempo, mas Jucelino sempre foi miudinho e continuava cabendo no aconchego do abraço. Ele provavelmente esqueceria que concordou comigo em participar, mas eu precisava perguntar ao menos uma vez. Não só porque o amo profundamente, mas também pela pontinha de esperança que no dia seguinte ele se *lembrasse* do que falamos.



Um de nós acordou de bom humor e quase não me esperou para colocar a água para ferver. Abriu as janelas e deixou a luz do sol me expulsar da cama:

— Bom dia, meu velho! O melhor jeito de começar a segunda-feira é com um cafezinho. Levanta logo que hoje sinto que vou ganhar no *Mario Kart*.

Ele *não lembrou*, é claro.

Peguei minha dentadura no copo com água do lado da cabeceira. Aquilo era um sinal: tive uma convulsão enquanto dormia e meu velho cuidou de mim. Ele abria minha boca, tirava a dentadura, me virava de lado, limpava e cuidava de mim até que eu ficasse bem. Às vezes eu também me mijava e isso dava uma pontinha a mais de vergonha, mas pelo menos ele não se lembrava da bagunça que arrumou na madrugada. Eu sabia porque via a dentadura ali, mas a demência logo apagava da mente quase tudo... Me alegrava eu estar guardado num lugar especial que ele nunca esqueceu.

Depois de muitos dias, deixei ele ganhar no *Mario Kart*. Enfim, meu velho fez aquele café horrível e ficou satisfeito. Seu olhar orgulhoso quase me fez pedir por uma justa revanche, mas aquele era um dia especial e eu poderia fazer uma exceção para um café tão ruim como o dele.

Nem mesmo um café mais ou menos estragaria nossa experiência.

Pouco tempo depois, minha cunhada apareceu e nos levou para o laboratório de testes. O tempo da viagem é suficiente para repetirmos a conversa sobre do que se trata o ReSi e superar a fase emburrada que teimava em evitar tecnologias fora de seu tempo.

Assinamos alguns documentos, tomamos um suco de laranja com gosto meio metálico e sentamos numas cadeiras confortáveis com um capacete futurista enquanto recebíamos instruções.

— Fiquem tranquilos, esse capacete já passou em todos os testes. Ele exerce um campo potencial, pegando os comandos que seu cérebro enviaria para o corpo e os responde segundo o ReSi. Nada de encher os cérebros com agulhas, só precisam da sonda indetectável para receber os alimentos da impressora. De resto, aproveitem a viagem!

Entramos.

Acordamos em casa, as mesmas poltronas, sofás e cortinas. O cheiro do amaciante misturado com o livro velho estava igualzinho, espalhado na cama de casal, e até o copo, sem dentadura, estava em sua posição de sempre na cabeceira da

cama. O *ecowatch* marcava segunda-feira, beirando meio-dia. As ruguinhas ainda estavam lá, mas havia menos dores e menos cansaço. Aquele brilho nos olhos de quem *percebe que deveria lembrar de algo e não lembra* não está mais lá. Pelo contrário, parecia um menino peralta tramando uma brincadeira.

— Vamos andar de kart?

Veja bem, ele chamou para andar de kart, não jogar *Mario Kart*. Talvez não tenha entendido que ainda podíamos nos machucar e sentir dor no ReSi, só pedimos um atenuante em nossos sintomas de velhice. De todo modo, eu não perderia a chance de vencê-lo em mais uma corrida.

— Chama o táxi. Vou pegar nossos remédios.

Fomos à pista no estacionamento do shopping. Tinham carrinhos coloridos e capacetes reforçados para crianças pequenas e crianças velhinhas como a gente. Disputamos quem ficava com o vermelho e acabamos concordando que poderíamos ser Luigi e Browser, deixando uma menininha com o capacete do Mario.

— Atenção às luzes. 3... 2... 1... Corram!

Havia outras pessoas pilotando, provavelmente mais usuários beta do sistema online de ReSi, mas nós dois ficamos para trás em nossa própria disputa. Vi meu marido bater com tanta agressividade em mim que parecia estar pedindo divórcio. Eu, por outro lado, não perdi a oportunidade de fechá-lo nas curvas mais fechadas. Já me imaginava ligando em vídeo-chamada para os meus amigos recomendando o jogo, quando me lembrei do que me aguardava ao fim do teste.

Terminamos a volta quase empatados, mas o miudinho estava meio palmo a minha frente. Pelo visto, o café do fim da tarde teria gosto de água.

Seu sorriso de menino me enchia de felicidade e o melhor de tudo é que ele também poderia lembrar dessa sensação no dia seguinte, se quisesse. Foi a proposta que recebemos... De testar o jogo a longo prazo, para quem quisesse viver sempre bem no melhor cuidado paliativo já imaginado.

— Não. Nem pensar. Não.

Jucelino tinha um jeito especial de fazer pirraça.

— Por que não? Você não está... Feliz aqui?

— Eu só tenho mais quarenta semanas com você. Quero passar cada uma delas juntinho de ti, mesmo as piores delas. É só o que vou ter e nem vou me lembrar... Tudo que eu tenho é a chance de poder vivê-las de verdade!

— Lino...

— Mundinho.

— Você é meu...

— Não. Não dessa vez.

Estávamos do lado da pista discutindo a relação como um casal de adolescentes. Num piscar de olhos, voltamos ao laboratório. A dor voltou assim como o cansaço, a expressão de esquecimento nos olhos estava ali, lapidada de uma teimosia tão absurda que nem acredito que dei um jeito de me casar com isso aí há uns cinquenta anos atrás.

— Eu venci a corrida. Sabe que tenho o direito de decidir.

— Você está certo, amor. Mais quarenta semanas.

— Quarenta semanas. Você é meu mundo todinho.

Ao invés de responder, dei-lhe um beijo rápido, para guardar na memória aquele cheiro estranho de livro velho misturado com amaciante de lavanda. Então, fechei os olhos e voltei para o laboratório de verdade, vendo o amor da minha vida ainda usando aquele capacete futurista.

— Tem certeza que ele não vai perceber?

— Você viu com os próprios olhos, é uma cópia perfeita. Coletamos seus dados, e sua versão no jogo terá todas as suas manias, incluindo seu talento para jogar *Mario Kart*. Até podemos simular a perda de memória dele para que continue acreditando que ainda faltam quarenta semanas. Ele ficará bem.

Senti a mão da cientista em meus ombros me confortando.

— Quanto tempo lhe resta, Raimundo?

— Um dia, no máximo. Mas agora que sei que ele ficará bem, tem uma última coisa que preciso fazer antes de ir. Cuida bem desse menino.

Ouvi o som do táxi que me levaria para o aeroporto, meu velho não estaria junto para ver a Nova Zelândia comigo, mas seu café agitado me faria companhia

uma última vez. Antes, porém, sorri peralta e me confessei para a irmã caçula daquele velho teimoso. Para minha versão ser realmente fiel no jogo, precisava adicionar meu grande segredo aos dados da versão digital.

— Não conte para ele, mas eu realmente estava trapaceando no *Mario Kart*. Não aguentaria tomar aquele café aguado todos os dias.

Segui porta afora carregando uma garrafa térmica do café daquela manhã. Faria um brinde por nós dois em nossa viagem dos sonhos, se desse tempo. Caso contrário, tenho certeza que meu mundo todinho faria o mesmo quando fosse a vez dele de ir para a próxima fase.



Apoie a revista

Se você gostou do conteúdo e quer nos ajudar a caramelizar mais maçãs, você pode nos apoiar através do Catarse. A Revista Maçã do Amor conta com voluntários, que editarão e publicarão a revista independentemente do valor arrecadado. Ao apoiar, você ajuda a garantir que esse trabalho aconteça com a remuneração da equipe e futuramente dos artistas publicados. A Maçã do Amor é feita de brasileiros para brasileiros, focada na expressão de artistas nacionais. Financiar a Maçã do Amor é financiar a literatura e a arte visual nacional.

Compartilhe uma maçã

Se você gostou do conteúdo mas não pode nos apoiar financeiramente, compartilhe esta revista com seus conhecidos. Ajude-nos a levar amor para todos os cantos.

Participe

A Maçã do Amor é uma revista de participação aberta. Você pode enviar seus textos através dos editais para as redes sociais ou para a revista. Confira nosso site para maiores informações e seja você também uma Maçã do Amor.

 revistamacadoamor.com

 [@leiamacadoamor](https://www.instagram.com/leiamacadoamor)  [@leiamacadoamor](https://twitter.com/leiamacadoamor)

Créditos

Edição	Ana Farias Ferrari Luísa Scheid Tatiane Lucheis
Revisão	Camila Paixão Thais Rocha
Design	Rafael Moreira
Convidados	Thiago Ambrosio Lage Thiago Loriggio
Autores selecionados	Anna Toledo Eduardo Martínez Mayara Zampieri Renata Vettorazzi Robinson Silva Alves Rodrigo Ortiz Vinholo Sofia Lopes
Apoiadores	Ariane Barreto Haagsma Elizabeth Fortunatti Albregard Érulos Ferrari Filho Igor Canko Minotto Willian Miyasaka